



vossa vontade". Proferiu, então, meu Pai aquelas palavras, ouvidas só por minha Mãe dileta: "*Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição*". Esta palavra encheu de júbilo o coração da querida Mãe e ficou também um pouco consolada a minha humanidade. Ofereci tal consolo ao Pai e pedi-lhe se dignasse consolar todas as almas que se alegram em fazer a sua vontade e desse-lhes tanta virtude que sempre a pudessem realizar em todas as coisas, tanto prósperas, como adversas. O Pai prometeu-me fazê-lo e além disso fazer com que experimentassem um consolo inexplicável e uma quietude incomparável as almas que se entregam em tudo a sua vontade e que não desejam outra coisa senão que nelas se cumpra a vontade divina. Estas, de fato, fruem da liberdade dos verdadeiros Filhos de Deus, porque não se afastam da vontade de seu Pai celeste. Mas, como são poucos os que na verdade procuram fazer a vontade divina, porque quase todos misturam-lhe a própria! E por isso, não fruem da paz e do consolo acima referido, mas sempre sentem alguma amargura, porque nisto se imiscuiu a vontade própria. Via eu tudo distintamente e sentia por isso grande pesar intimamente; primeiro, porque meus irmãos fazem a meu Pai esta grande injustiça, isto é, a de não se sujeitarem totalmente a sua vontade; em seguida, pelo grande dano que lhes advém, porque ficam privados de grande mérito, e o que mais importa, tornam-se indignos das graças e do amor que o Pai tem às almas que se mostram para com Ele prontas a seguir as suas vontades. Rezava fervorosamente por todos, mas particularmente pelos miseráveis que se distanciam da vontade divina, e oferecia por eles ao Pai a minha prontidão e submissão. E com isso manifestou-se o Pai aplacado relativamente a meus irmãos.

VIDA QUIETA EM NAZARÉ. Estando, pois, naquela pobre casa de Nazaré, passava o tempo todo a falar com meu Pai, e reiterava todos os atos de súplica acima referidos. Usufruí de alguma quietude que causava muito consolo a minha humanidade, ao ver também a Mãe dileta e seu esposo José terem mais conforto e mais tranqüilidade. Não quero dizer que eles se inquietassem por estarem fora da pátria em grande pobreza, como a da estrebaria de Belém — lá já estavam felizes e não se inquietavam, entregando-se inteiramente à vontade de meu Pai — mas, o pesar deles era ver-me no meio de tantos padecimentos sem poderem dar-me alívio; e isto muito os afligia. Por isso, tendo voltado a sua moradia, esperavam, como de fato aconteceu, instalar-me melhor do que fora de casa. Tendo, portanto, certa tranqüilidade, dava as devidas graças ao Pai e pedia-lhe, por aquela tranqüilidade e satisfação, então experimentadas por minha humanidade, se dignasse dar verdadeira tranqüilidade e repouso às almas que se afadigaram por sua glória e sofreram para cumprir a sua vontade; que as consolasse a fim de poderem depois animar-se mais a emprender as obras de seu serviço. Conhecendo, pois, que era dever consolar quem passou por sofrimentos, aflições e coisas semelhantes por amor do Pai, pedi-lhe com grande instância que o fizesse; como de fato o fazia e fará. Mas, ciente de que o Pai o faria com amor maior se lho pedisse, e que muito se comprazia em minhas preces, fazia-as com grande instância e rezava com grande amor. Iguamente a mim muito me aprazia ver o Pai todo atento às minhas súplicas; demonstrava, devido ao grande amor que tinha ao gênero humano, muita complacência em ouvir rezar em seu favor.